

04 MAI 1993

Com. Brasil

Joelmir Beting

"Nenhum dos nossos problemas pode ser resolvido sem crescimento econômico. Nenhum."

Antonio Delfim Netto, economista

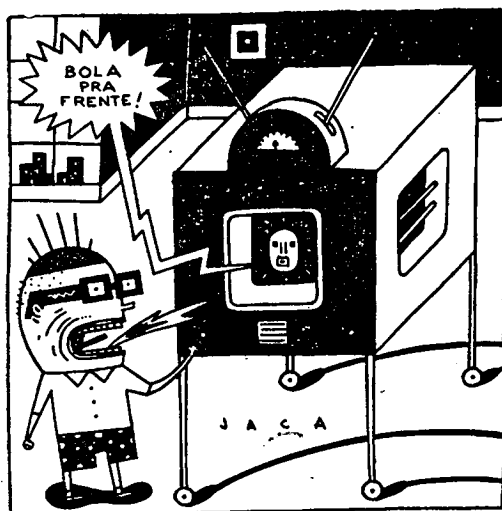
**Bola pra frente?**

Ajustes econômicos para baixo e para trás dão certo na Suíça ou no Japão. São países realizados. Eles não têm problemas estruturais e desfrutam de boas reservas sociais. São povos disciplinados, poupadores espartanos, desprovidos de ansiedade cultural. Suíços e japoneses confiam no êxito de corretivos econômicos ortodoxos e suportam pelo menos três anos de vacas magras.

□□□ No Brasil, nação ainda por fazer, a terapia recessiva, supostamente corretiva, acaba dando com as antas no brejo. A sociedade prefere ajustes econômicos para a frente e para o alto. Literalmente, tanto na economia como no futebol, os brasileiros fazem do ataque a melhor defesa. Não sabemos jogar na retranca da bola ou na repressão do cifrão. No futebol ganhamos três Copas no ataque. De preferência, com técnicos dormindo no banco.

□□□ Na economia, o Brasil contornou desfalques sociais e removeu impasses estruturais a golpes de crescimento econômico estimulado. A própria inflação brasileira, aparentemente irreversível, andou dobrando a espinha diante do avanço bucaneiro do PIB.

□□□ Há exatamente 20 anos, crista do milagre brasileiro, a economia chegou a crescer 14% ao ano. Inflação de demanda? Nem pensar. A taxa anual da carestia teve uma performance britânica: 16% ao ano. Nos últimos três anos, pico do descalabro econômico, a produção de bens e serviços experimentou um retrocesso de 5,1% — para uma inflação



acumulada, no mesmo período, de 48,4 mil por cento. O mínimo de produção para o máximo de inflação. Ou seja: recessão patogênica.

□□□ Tenta-se, agora, na base da carta de intenção, atacar o desregramento dos preços pelo aumento da oferta e não mais pela repressão da demanda. Resta saber se a sociedade brasileira, ainda fisicamente depauperada, emocionalmente chocada e politicamente fraudada, ainda sabe jogar esse jogo: o da bola pra frente. A advertência é do economista Paulo Guedes: "Parece que escapamos da ordem dirigista do regime autoritário para cair na desordem igualmente dirigista do regime populista".